

## INTERSECÇÕES NAS LITERATURAS ANGOLANA E AFRO-BRASILEIRA

Viviane Lima dos Santos Almeida\*  
Inara de Oliveira Rodrigues\*\*

Recebido em 23/06/2020. Aprovado em: 31/07/2020.

**RESUMO:** Objetiva-se afirmar a importância das literaturas angolana e afro-brasileira na desconstrução de estereótipos racistas, bem como promover reflexões sobre os processos de resistência cultural e construção identitária presentes nessas literaturas. Para tanto, desenvolve-se a análise dos contos: “*Ana Davenga*”, da escritora brasileira Conceição Evaristo, publicado em *Olhos D’água* (2016), e “*Natasha*”, do escritor angolano João Melo, publicado em *Filhos da Pátria* (2008). De caráter eminentemente bibliográfico, com uma proposição comparativista, a análise está ancorada no conceito de literatura-mundo, tendo em vista seu potencial crítico sobre as literaturas hegemônicas. Como principal resultado, foi possível notar uma ruptura dos estereótipos em relação às/os personagens *negras/os*, porque, nos contos estudados, elas/es exercem protagonismo, tornando-se sujeitos de suas histórias.

**Palavras-chave:** Identidade; Pós-colonialismo; Literatura-mundo.

### Introdução

Os laços históricos e culturais entre Brasil e Angola são inegáveis e altamente reconhecidos. Nesse sentido, importa estudar as criações literárias desses países, especialmente, para o que nos interessa, as que têm como mote central saberes e sentidos de resistência cultural, e que assumem perspectivas de afirmação identitária dos sujeitos diaspóricos. Assim, inicialmente, destaca-se o diálogo sempre profícuo entre ambas:

O diálogo literário estabelecido entre Angola e o Brasil [...] ocorreu em momentos extremamente importantes e interessantes dos sistemas literários dos dois países. Veja-se, por exemplo, que o período romântico brasileiro, assinalado por muitos críticos como aquele em que ocorre a consolidação de nossa autonomia literária, é, também, o momento de um encontro que pode ser considerado seminal para uma das manifestações literárias mais importantes da literatura angolana. Referimo-nos à presença, em terras brasileiras, de José da Silva Maia Ferreira, autor de

---

\* Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC – Ilhéus/BA). Bolsista CNPq-Af de Iniciação Científica (UESC – 2019-2020). Integrante do Grupo de Pesquisa (CNPq) Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas.

\*\* Orientadora. Professora Doutora do curso de Letras e do PPGL Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas.

Espontaneidade da minha alma: às senhoras africanas (1850), [...] viera estudar no Brasil (1834-1845) e aqui acabou por manter contato com a poesia de românticos brasileiros, sobretudo a de Gonçalves Dias. (MACÊDO, 2002, p. 41-42).

As literaturas africanas de língua portuguesa são literaturas de países jovens, como é o caso de Angola, e resultam de conflitos históricos e culturais entre as características internas dos países colonizados e as características culturais assimiladas, impostas pelo colonizador. Assim sendo, a literatura angolana é corolário do patrimônio das línguas e culturas africanas, pois existem vários grupos étnicos e linguísticos em Angola, interligados com a língua portuguesa, entendida nas palavras do angolano Luandino Vieira, como “um troféu de guerra” (HAMILTON, 1999, p.17). Dessas interligações, afirma-se a angolanidade, posto que a “literatura escrita e a oralidade são meios fundamentais através dos quais uma língua particular transmite as imagens do mundo que contêm a cultura que incorpora.”<sup>1</sup> (THIONG’O, 2015, p. 60-61, tradução nossa).

Deve-se ressaltar, também, que a literatura negra é um fenômeno da diáspora negra, sobretudo nas três Américas. Trata-se de um fenômeno que começou nos Estados Unidos, na década de 1920, passando pelo Caribe, em 1930, sendo exportada para França nessa mesma década com o movimento da negritude francesa, e chega ao Brasil nos anos de 1940, com o “Teatro Experimental do Negro”, de Abdias do Nascimento. O “Teatro...” tinha como uma de suas finalidades “[...] protestar contra a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros capazes de ler a realidade racial do Brasil, bem como resgatar a herança africana” (SANTOS, 2007, p.87).

Aqui, situaremos a obra de Conceição Evaristo no campo da literatura designada como afro-brasileira, considerando-se que seu conteúdo tem como mote central temáticas relacionadas ao povo *negro* e para seu empoderamento. Concernente à literatura afro-brasileira, Eduardo Assis Duarte (2011, p.3) afirma:

Um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à Literatura Afro-brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas conseqüências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba.

Para o que importa neste trabalho, trata-se de afirmarmos que, a par de suas distâncias e aproximações, ambas as literaturas, angolana e afro-brasileira, contribuem para a ruptura de uma suposta supremacia branca que permeia as literaturas hegemônicas. O diálogo entre elas possibilita uma visão crítica e emancipadora na construção identitária de seus respectivos povos a partir dos

---

<sup>1</sup> Citação original do texto *Descolonizar la mente: la política lingüística de la literatura africana* (2015), de Ngũgĩ wa Thiong’o: “La literatura escrita y la oratura son los medios fundamentales a través de los cuales una lengua particular transmite las imágenes del mundo que contiene la cultura que encarna.” (p. 61-62).

intercâmbios variados com comunidades da diáspora, buscando, assim estabelecer projetos nacionais alicerçados em “uma identidade cultural” (MATA. 2001 p. 13).

Acreditamos que estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa e afro-brasileira em um âmbito comparatista mais alargado, que ultrapasse as ligações linguísticas, resultam em reflexões que perpassam o campo histórico, cultural e político. A literatura-mundo contribui “para a análise das relações e intersecções das literaturas em português, ao ampliar o campo da comparatística, [...] desvelando as relações entre as literaturas africanas e suas congêneres portuguesa e brasileira ao mesmo tempo em que as tornam singulares enquanto sistemas nacionais.” (MATA 2013 p.110). Dessa maneira, a literatura torna-se via de acesso e promoção de interculturalidade. Entende-se que, “a literatura-mundo pode ser [...] compreendida como uma experiência simultânea do comum e do incomum: arquivo de semelhanças potenciais, mas também de diferenças e infinitas variações.” (BUESCU, 2013, p. 56). Não se trata, portanto, de uma homogeneização cultural, nem de colocar uma literatura como superior à outra.

Em relação dos laços históricos e culturais entre Angola e Brasil, naturalmente nos reportamos ao fato de que ambos os países foram colônias de Portugal e, portanto, receberam semelhante e triste herança do colonialismo. Esse legado colonial influencia o imaginário coletivo de seus respectivos povos (MAFFESOLI, 2001), entendendo-se por imaginário aquilo que norteia a vida do sujeito, o que ele aceita culturalmente de maneira natural, ainda que essa cultura produza preconceitos através de estereótipos racistas. Sobre a ideia de imaginário, Maffesoli reitera:

[...] o imaginário coletivo repercute no indivíduo de maneira particular. Cada sujeito está apto a ler o imaginário com certa autonomia. Porém, quando se examina o problema com atenção, repito, vê-se que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas, sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado. (MAFFESOLI, 2001, p. 80).

Diante das considerações feitas até aqui, sinalizamos que a literatura canônica foi e continua sendo uma das formas de produção e perpetuação de estereótipos racistas, que, por sua vez, fomentam o imaginário coletivo. O texto literário, em sua dimensão ficcional, permite discutir questões sociais sem descuidar seu caráter estético. No tocante à ficção, Coutinho ressalta:

A ficção é um produto da imaginação criadora, embora, como toda a arte, tem suas raízes na experiência humana. Mas o que a distingue das outras formas de narrativa é que ela é uma transfiguração ou transmutação da realidade, feita pelo espírito do artista, este imprevisível e inesgotável laboratório. Ela coloca a massa da experiência de modo a fazer surgir um plano, que se apresenta como uma entidade, com vida própria, com um sentido intrínseco, diferente da realidade. A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma

reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade. (COUTINHO, 1976, p. 30).

Não podemos, desse modo, ignorar o fato de que a literatura possui papel destacado na formação do imaginário coletivo, e, portanto, quando reitera a ótica estereotipada com relação ao povo *negro*<sup>2</sup>, concomitantemente, corrobora com a manutenção do silenciamento, apagamento e preconceito racial. Nesse sentido, vale ressaltar o pensamento de Silva (1987, p. 6), ao defender que “os estereótipos justificam a exploração e a opressão pelo índice imaginário de superioridade de um grupo humano sobre outro, recalçando todo o processo histórico que engendrou essa determinada situação”. A respeito da literatura canônica, Lúcia Ozana Zolin afirma:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo. (ZOLIN, 2009, p. 253).

Diante disto, evidencia-se a relevância de produções literárias em que tanto o *sujeito* da escrita quanto o objeto da escrita seja *a/o negra/o*, que contemple o resgate da história dos povos da diáspora africana, que exponha as mazelas a que foram submetidos em razão do colonialismo. É preciso que os marginalizados, os silenciados sejam *sujeitos* de sua própria história, (KILOMBA, 2019), a partir de uma perspectiva crítica que faz ressonar novas narrativas, novas epistemes para, assim, subverter-se a imagem de inferiorização produzida e reproduzida por meio do discurso da branquitude. Uma literatura que venha a ressignificar e romper com os estereótipos até então perpetuados pela literatura canônica.

Com tais pressupostos, objetiva-se, através da análise dos contos “Ana Davenga”, da escritora brasileira Conceição Evaristo, publicado em *Olhos D’água* (2016), e “Natasha”, do escritor angolano João Melo, publicado em *Filhos da Pátria* (2008), promover um diálogo entre a literatura angolana e a literatura afro-brasileira, com o intuito de aprofundar conhecimentos voltados aos saberes e sentidos de resistência cultural. Acreditamos na potencialidade que essas

---

<sup>2</sup> “[...] este termo deriva da palavra latina para a cor preta, *niger*. Mas, logo após o início da expansão marítima (na língua portuguesa ainda vulgarmente chamada de ‘Descobrimientos’ –ora, não se descobre um continente onde vivem milhões de pessoas), a palavra passou a ser um termo usado nas relações de poder entre a Europa e a África e aplicada aos africanos para definir o seu lugar de subordinação e inferioridade. Em português, no entanto, essa diferenciação parece não ter sido feita, pois, embora esteja intimamente ligado à história colonial, *negra/o* tem sido usado como o único termo ‘correto’. Para problematizar este termo de origem colonial, opto por escrevê-lo em itálico e em letra minúscula: *negra/o*”. (KILOMBA, 2019, p.17).

literaturas possuem para “transgredir a tradição literária de feição europeia” (FONSECA, 2003, p. 75), isto é, romper, questionar a história única propagada pelo processo/projeto colonizador.

### “Ana Davenga”: a face de várias Anas

A narrativa “Ana Davenga” integra o livro *Olhos D’água* (2016), coletânea de contos da escritora Conceição Evaristo, que é Doutora na área de literatura comparada, professora, romancista, poeta e contista. Em 2019, ganhou o prêmio Jabuti como Personalidade Literária do Ano.

A obra em referência contém quinze contos que refletem sobre a pobreza, a miséria, a desigualdade social, a violência e a vida de *negras/os*, faveladas/os e outras diversas personagens envolvidas nesses contextos em dilemas sobre o amor, a vida e a ancestralidade africana, imbricados em discussões de gênero, violência e resistência. A escolha do conto “Ana Davenga”, publicado pela primeira vez nos “Cadernos Negros”<sup>3</sup>, em 1995, deu-se pela temática: nele, a autora busca retratar a condição da mulher *negra* na sociedade de forma não romantizada, mas sim, explicitando a realidade vivida por uma grande parte das mulheres no Brasil.

A narrativa dá margem para a reflexão sobre questões como a necessidade de se descolonizar as mentes, pois o etnocentrismo europeu expandiu a dominação territorial para uma dominação também epistemológica, uma “colonização das mentes”, como define Dascal:

A metáfora ‘colonização da mente’ destaca as seguintes características do fenômeno aqui sob escrutínio: (a) a intervenção de uma fonte externa – o ‘colonizador’ – na esfera mental de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos – o ‘colonizado’; (b) essa intervenção afeta aspectos centrais da estrutura da mente, seu modo de funcionamento e conteúdos; (c) seus efeitos são duradouros e não facilmente removíveis; (d) há uma assimetria marcada de poder entre as partes envolvidas; (e) as partes podem estar conscientes ou inconscientes de seu papel de colonizador ou de colonizado; e (f) ambas podem participar no processo voluntária ou involuntariamente. (DASCAL, 2010, p. 2).

Nesse sentido, a descolonização mental é de grande relevância, pois ainda hoje mulheres *negras* vivem o contínuo conflito de se sentirem presas a determinadas circunstâncias, pois não conseguem assumir sua autonomia, e, assim, permanecem sentindo a necessidade de se projetarem no outro, de sujeitarem seus corpos. Em uma sociedade que tem suas raízes mais fortes fincadas no

---

<sup>3</sup> A série *Cadernos Negros* surgiu em 1978, com o intuito de divulgar e promover as produções de autoras/es negras/os aqui no Brasil, publicada pelo grupo Quilombhoje: “A partir do ano de 1978, alguns escritores com intuito de trabalhar com a figura do negro no Brasil, assim como materializar-se por serem eles próprios vítimas das estereótipos impostas dentro do círculo literário e intelectual, criaram o primeiro exemplar dos *Cadernos Negros* [...]” (SILVA, 2009, p.3).

racismo e no sexismo como heranças do sistema colonial, o processo de descolonização da mente é árduo, mas necessário. Nesse panorama, a literatura é um espaço importante para protagonizar as vozes oriundas das camadas desprivilegiadas da sociedade.

O conto “Ana Davenga” inicia-se com a personagem Ana aflita ao ouvir as batidas na porta, ela fica em dúvida sobre o que aquelas batidas significavam, (havia toques específicos, pois Davenga era um chefe do crime), Ana estava na expectativa da chegada de seu companheiro:

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. (EVARISTO, 2016, p. 21) <sup>4</sup>.

Destaca-se, nessa arquitetura textual montada por Evaristo, o fato de que ficamos, nós leitores, assim como a protagonista, sem saber o que se passa. O narrador nos coloca na perspectiva de Ana e, por meio do discurso indireto livre, sabemos o que ela pensa e sente. Desse modo, a estratégia mantém o “suspense” até o final, como podemos perceber nesse trecho: “O toque que ela ouvira antes não denunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali?” (p. 22). Observamos que é a voz do narrador (porque responde a um ela (não eu), a um seu (não meu)), mas, ao mesmo tempo, já é uma reprodução do pensamento de Ana, principalmente na última pergunta. Outro exemplo mais claro: “Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo?” (p. 22-23). Esta última pergunta é da própria Ana; e mais adiante: “Ele estaria escondido ali? Não! Davenga não é homem de tais modos!”. Aqui fica bem claro que tanto há uma confluência entre a voz do narrador com o pensamento de Ana. E essa estratégia nos “cola” à perspectiva da protagonista ao longo dos acontecimentos da narrativa.

Ana Davenga é uma mulher *negra*, pobre e favelada que vive em um contexto de violência, exclusão social, racial e opressão. O que representa boa parte da nossa sociedade brasileira. Além disso, a maneira como se desenvolve o relacionamento de Ana com Davenga demonstra que a narrativa apresenta personagens complexos e subjetivos, que ora demonstram fragilidade e ora demonstram força, sem, contudo, se deixarem ler completamente. Dessa maneira, a expressão da subjetividade *negra* é realçada, desfazendo-se o suposto essencialismo racial. No trecho a seguir é narrada a primeira vez que Davenga viu Ana:

---

<sup>4</sup> EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016. Todas as demais citações foram retiradas dessa edição, passando-se a indicar apenas as páginas respectivas.

Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela. (p. 24).

Destaca-se que Ana está dançando, Davenga olha insistentemente para ela, observa com especial atenção seus movimentos, o “movimento ligeiro de bunda”, é isso que atrai o homem. Quando ganha realce essa sensualidade da personagem, a narrativa remete quase que de imediato a Rita Baiana, de Aluísio de Azevedo. Contudo, entende-se que, aqui, Ana não tem a intenção de, com o seu corpo, chamar a atenção dos que estão à sua volta, porque esse momento da dança é um momento de liberdade, em que ela está tão à vontade com a música, com a dança, com seu corpo, que nem percebe o olhar insistente de Davenga.

Eles acabam se conhecendo e vão para o barraco dele, mesmo contra a vontade dos comparsas, que não confiavam nela que acabara de chegar, visto que as reuniões da quadrilha se davam no barraco de Davenga. Com o tempo, ela vai conquistando a todos e assume o sobrenome do seu companheiro, tornando-se Ana Davenga, talvez até para ser mais aceita e sentir-se integrante do grupo. O chefe também tranquiliza seus companheiros, dizendo que tudo pode ser discutido na frente de Ana, pois ela é “cega, surda e muda”, ou seja, Ana é uma mulher silenciada, silenciada pelo seu companheiro e pelas circunstâncias de ser mulher de um chefe do crime, o que certamente imputa normas de silenciamento.

Davenga, temido e respeitado por todos, no decorrer da narrativa é descrito como criminoso e até sádico, pois, no momento em que o narrador fala de certo crime que ele cometera há poucos meses, destaca a satisfação dele em ver o medo nos olhos de suas vítimas: “Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachucas se cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia” (p. 24). Também é resgatada a memória de como Davenga, antes de conhecer Ana, manda matar Maria Agonia, uma mulher filha de pastor, que ele conheceu na prisão no momento que foi visitar um amigo e ela foi levar palavras religiosas aos presos. Davenga e Maria se envolvem amorosamente e ele convida-a para morar com ele, o que ela rejeita, pois não quer ser mulher de bandido; enfurecido pela rejeição, ele manda matá-la. Esse é o homem por quem Ana se apaixonou e se entregou de tal maneira que ela já não era Ana e sim uma Davenga. Contudo, esses relatos não bastam para dar conta de delinear a personalidade dessas personagens centrais:

Davenga que era tão grande, tão forte, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia seus corpos com as lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via seu homem em seu gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e se fosse ela

a culpada. Depois então, os dois ainda de corpos nus, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele, [...] Nada restava a fazer, a não ser enxugar o gozo pranto de seu homem. (p. 23).

Nessa passagem, a sensibilidade da personagem quebra a imagem da violência que também o caracteriza. Além disso, percebemos como a narrativa desconstrói estereótipos relacionados às pessoas *negras* que, em suma, está presente na literatura canônica. A cada momento que adentramos na leitura do conto, notamos a subjetividade de cada personagem, e a descrição física enaltece a cor negra sem nenhuma nuance de objetificação: “Davenga estava ali na cama vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa que Deus lhe dera” (p. 30).

No texto não há uma fixidez de “comportamentos”, pois Davenga é homem forte, grande, “o próprio diabo invocado”, ao mesmo tempo em que é um menino sensível que chora durante o ato sexual, como descrito no trecho citado. Ele é um assassino sádico, que gosta de ver o terror no rosto de suas vítimas, mas, principalmente, dos que lhe são socialmente superiores; e também é possessivo, mas, apaixonado, fiel e companheiro.

Do mesmo modo, Ana Davenga, em determinados momentos, é retratada como submissa e passiva, mas também é uma mulher que escolheu estar ao lado de seu companheiro criminoso, que dança livre e segura na roda de samba; no momento da intimidade do casal, Ana é forte e segura, e seu homem, que por todos é tão temido, tem suas lágrimas enxugadas por ela. A autora, desse modo, humaniza suas personagens, mostra suas subjetividades e complexidades, enquanto faz crítica social, ao mostrar a realidade de uma grande maioria de homens e mulheres *negras/os* do país.

Assim como a realidade de muitas outras “Anas”, o final dessa história é trágico e nos leva a questionar o lugar de subalternização que muitos permanecem em consequência do sistema colonial. Diante disso, a literatura afro-brasileira constitui-se em importante expressão artística para a desconstrução dos discursos sedimentados, em apoio às lutas de combate ao racismo, ao preconceito, a violência, ao silenciamento e ao apagamento das/os *negras/os* na história do Brasil, perpetrados por tal sistema, que permanece reverberando de diversas maneiras na sociedade.

### **“Natasha”: fragmentação identitária**

O conto “Natasha” integra a obra *Filhos da Pátria* (2008), do escritor angolano João Melo. A obra contém dez contos com temas relacionados à ideia de nação, publicada inicialmente em Angola, no ano de 2001, e apenas em 2008 foi publicada no Brasil. Nessas narrativas, se percebem

questionamentos relacionados à identidade nacional, pobreza, hibridismo cultural, questões étnico-raciais, como a mestiçagem e a desconstrução de estereótipos.

Aníbal João da Silva Melo é o nome completo de João Melo. Jornalista, filho do também jornalista e nacionalista, Aníbal de Melo, o escritor Aníbal João da Silva Melo nasceu em Luanda, em 5 de setembro de 1955. Estudou Direito em Portugal e na Universidade Agostinho Neto em Angola, licenciou-se em comunicação social na Universidade Federal Fluminense e realizou o curso de mestrado em comunicação e cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. No campo literário, atua como poeta, contista, cronista e ensaísta. Tem obras publicadas em Angola e em países como o Brasil, Portugal e Itália. (OTRÍBAL, 2011)<sup>5</sup>.

A narrativa que selecionamos gira em torno da relação amorosa de um angolano de nome Adão Kipungo José e uma russa chamada Natasha Pugatchova. Adão, com apenas 11 anos, foi enviado para estudar na Rússia. Quando os portugueses se retiraram de Angola, em 1975, o país entrou em guerra civil, pois os três movimentos de libertação, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FLNA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), passaram a disputar o poder. Nesse contexto de pós-guerra está inserida a narrativa, pois foi o MPLA que financiou os estudos de Adão na Rússia, que era órfão de guerra.

Alimentada pela ideia estereotipada de que os angolanos são homens muito viris e que possuem um falo monumental, Natasha deixa seu país de origem, família e amigos e vai para Angola com Adão. No texto, as vozes das personagens, Adão, Natasha e do narrador se confundem, pois também está marcado pelo discurso indireto livre, destacando-se a característica ironia do autor, que, muitas vezes, beira ao sarcasmo:

Na narrativa do autor luandense, percebe-se que efeitos dos fracassos históricos persistem na atualidade, de modo que o seu reconhecimento, através do riso irônico e, por vezes, sarcástico, configura-se como uma crítica social que não fica inerte e debochada nela mesma, ao contrário, questiona os discursos dominantes, pois ‘muito falta ser feito em termos de raça e de classe. Muito por realizar no que concerne a práticas de atuação ou agência que integrem as três categorias de reflexão cultural

---

<sup>5</sup> Informações disponibilizadas no site da União dos escritores angolanos, no site da Assembleia Nacional de Angola, no site do Instituto Camões e em textos de pesquisadores da obra de João Melo, como no artigo “A Pátria de João: um estado multicultural”, de Rosângela Manhas Mantolvani (publicado em 2007 e disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2007.53572>), e na dissertação de Mestrado *Pátria que vos/nos pariu! Uma visão contemporânea em Filhos da Pátria*, de João Melo, de Vladimír Otríbal (de 2011, disponível em: <https://docplayer.com.br/42712926-Magisterska-diplomova-prace.html>).

[gênero, étnico-racial e classe], antes de poder transcendê-las'. (MITIDIERI, 2008, p. 7 *apud* NOGUEIRA, Luciano, 2015, p. 9).

Em “Natasha”, percebemos de forma muito explícita a maneira como os corpos *negros* foram atravessados historicamente e construídos com uma imagem estereotipada extremamente sexualizada, sempre vistos como objetos, sem intelectualidade ou consciência crítica. Nesse conto, podemos observar como são fortes tais discursos, como eles estão atrelados de maneira significativa ao imaginário dos indivíduos, inclusive daqueles que são vítimas deles. No início da narrativa, o narrador/jornalista pergunta a Natasha o que a fez largar tudo e seguir Adão para Angola:

[...] porque que Natasha Pugatchova abandonou o cinematográfico cenário, embora demasiado branco e frio, que descrevi no início e desembarcou com todas as suas bagagens, mas totalmente desarmada, nesta terra infestada de negros, calor, mosquitos, guerras e epidemias? (MELO, 2008, p. 38).

Nesse fragmento, é nítido como o narrador/autor ironiza a questão do imaginário que se tem da África e, nesse caso mais específico, de Angola, pois ele usa termos bem duros ao se referir a seu país, reproduzindo ideias preconceituosas que permeiam o imaginário da maioria das pessoas, como as de que os países africanos só têm “calor, mosquitos, doenças e miséria”. Do mesmo modo, a forma como se refere aos *negros*, como se fossem uma praga, “terra infestada de negros”, mostra a ironia do escritor para problematizar questões tão importantes. A resposta de Natasha ao ser indagada é bem inusitada, ampliando, ainda mais, na fala da personagem, os estereótipos relacionados aos africanos:

Na verdade, ele tem uma coisa preta que me deixa louca, tão diferente de tudo o que eu conhecera antes e até do que eu esperava, as minhas amigas sempre me tinham dito, parece que os negros têm uma pila inacreditável, temos de experimentar. (MELO, 2008, p. 38).

A partir desse trecho, observamos que Natasha vê Adão por uma ótica de total objetificação, pois acreditava, ela e suas amigas, que os *negros*, de maneira geral, possuem um pênis grande que ela precisava experimentar. Ela não faz nenhuma exaltação a beleza ou intelectualidade, seu deslumbramento está ligado apenas à questão física e virilidade. Para uma melhor análise, precisamos compreender a ligação dessa ótica de objetificação com o sistema colonial, visto que esse discurso teve grande êxito no processo de dominação e exploração das colônias. A esse respeito, Martinez afirma:

Para facilitar essa obra escravizadora e justificar todos os crimes inerentes ao estatuto servil, os colonizadores esforçavam-se para apagar da memória dos cativos as tradições, os valores, as crenças; reprimiam com ferocidade as manifestações de

identidade própria, até o uso de nomes pessoais e dos idiomas tribais; incutiam a força de castigos corporais e de sermões jesuíticos os dogmas da obediência ao senhor. No auge dessa degradação humana, os próprios cristãos chegaram a negar que os índios americanos e os negros africanos pertencessem à condição humana e tivessem uma alma igual à deles. (MARTINEZ, 1933, p. 15).

Percebe-se, no conto “Natasha”, um deslumbramento por parte da personagem título em relação à volúpia física de Adão. Quando Natasha usa o verbo esperar no pretérito do indicativo, “diferente de tudo o que eu conhecera antes e até mesmo do que eu esperava”, pressupõe expectativa, ideia pré-formada com relação aos homens africanos. Essa perspectiva essencialista continua a ter um grande peso na contemporaneidade, pois homens *negros* são vistos como fortes, viris e com um falo acima da média; por seu turno, as mulheres negras são vistas como fogosas, insaciáveis. No decorrer do texto, esse imaginário estereotipado com relação aos angolanos vai se confirmando nas falas das personagens:

A Natasha não te contou da minha coisa preta? Ah, quando lhe comi pela primeira vez (logo no dia em que nos conhecemos, depois do aniversário do nicaraguense que vivia comigo no quarto; o gajo ainda tentou engatá-la, mas eu fui rápido... Ninguém aguenta os mangolês! (MELO, 2008, p. 41).

Esta foi a resposta de Adão ao narrador quando questionado sobre seu relacionamento com a russa Natasha. Na fala da personagem, percebemos como ele próprio incorpora os discursos preconceituosos a respeito de si e acaba por confirmar as ideias estereotipadas do que é ser um mangolês. O fato de ele não se importar e ainda se apropriar da forma objetificada como é tratado, é outro ponto importante, pois demonstra uma identidade fragmentada, uma mente ainda colonizada, posto que Adão, mesmo que tivesse vivido boa parte de sua vida na Rússia, ainda assim trazia as marcas do discurso colonizado de ser inferior. Durante séculos os *negros* foram enxergados a partir da ótica do outro, vistos como animais. Assim, a sedimentação dos discursos de inferiorização e a objetificação do *negro* são elevadas à categoria de ser incapacitante intelectualmente e que teve na ciência a legitimação desse pensamento. A personagem Natasha reafirma os estereótipos já sedimentado e naturalizado sobre os angolanos:

Sabe, realmente, o que eu achava mais espantoso? Era a maneira como Adão, que tinha saído de Angola ainda na infância, participava naquelas festas!... Ele nunca lhe disse qual era a resposta que me dava sempre a respeito disso? Dizia que também não sabia, que estava no sangue, enfim, lugares-comuns... Cheguei a comentar isso várias vezes com as minhas amigas, mas as respostas delas também não me ajudavam, pois limitavam-se a dizer os pretos são assim mesmo e pronto... Se a minha vida não tivesse dado tantas voltas, eu queria aprofundar esse assunto,

pois, não sei porquê, essa noção, digamos assim, biológica da cultura causa-me arrepios... (MELO, 2008, p. 46).

Natasha questiona a noção essencialista de raça e levanta dúvidas relacionadas a este aspecto. Por fim, notamos como tais discursos são nocivos e precisam ser combatidos diariamente. Dessa maneira, o conto problematiza a necessidade de desconstrução desta visão eurocêntrica, e a literatura angolana possui destacado papel no que tange a essa desconstrução. A ironia na escrita de João Melo cumpre o papel de esfacelar paradigmas e ideias simplistas sobre Angola.

### Considerações finais

Os contos “Ana Davenga” e “Natasha” aproximam-se à medida que ambos constituem uma escrita imbuída de crítica social voltada à desconstrução de estereótipos relacionados ao povo *negro*, tratando de questões identitárias e de resistência cultural. Dessa maneira, entende-se que essas narrativas representativas das literaturas angolana e afro-brasileira podem ser colocadas em diálogo não apenas pela proximidade linguística, mas, sobretudo, pela capacidade de subversão dos discursos hegemônicos. Demonstram, ainda, que a língua outrora usada como arma de dominação, tornou-se instrumento de insubordinação e afirmação cultural.

Inicialmente, observamos nas narrativas que os contextos sociais das personagens femininas, Ana e Natasha, são diferentes. Ana é uma mulher *negra* que reside na periferia brasileira, apaixonase por Davenga, um criminoso, mas que lhe dá uma identidade, tornando-se Ana Davenga. Já Natasha, mulher branca, russa, apaixonase por ilusões e mentiras que o angolano Adão contou para ela, fazendo com que deixe sua pátria e vá para Angola, onde percebe-se imersa em situações de pobreza, miséria e infidelidade. Dessa maneira, ambos os contos acabam por problematizar, dentre outras questões, a disseminação de imagens estereotipadas que reforçam a manutenção do racismo. As obras expõem, ora poeticamente ora cruamente, identidades não-unitárias e, portanto, desmantela noções e estereótipos racistas.

Importa salientar, também, que os contos aqui analisados dão visibilidade ao *sujeito negro*, ou seja, ele passa a exercer protagonismo, condição que é negada, via de regra, quando se trata da literatura canônica, em que personagens *negras*, quando narradas, ocupam posições secundárias. Salientamos a necessidade de contínuos estudos referentes a essas temáticas, pois, a partir do momento que se busca entender como se deram os processos que fazem a desigualdade social, o racismo e o preconceito prevalecerem na contemporaneidade, poderemos também buscar mecanismos

para combatê-los. Seguindo Kilomba (2019), compreendemos que aqueles que um dia foram severamente silenciados, hoje podem falar, mas, para que sua fala seja eficaz na subversão de estruturas opressoras e excludentes, precisam ser ouvidos, porque, ainda que gritem, se não houver quem ouça, continuarão silenciados.

## REFERÊNCIAS

- BUESCU, Helena Carvalhão. **Experiência do incomum e boa vizinhança: literatura comparada e literatura mundo**. Porto: Porto, 2013.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- DASCAL, Marcelo. Colonizando e descolonizando mentes. In: SCARAFI, Giovanni (org.). **A crua palavra: uma conversa com Marcelo Dascal**. Tradução Alessandro Zir. New York: Lulu Press, 2010.
- DUARTE, E. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.31, p 11-22, 5 jan.2011.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. In: LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.
- HAMILTON, Russell. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. IV ENCONTRO DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Anais...** São Paulo, USP, 1999. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/186734602.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- MACÊDO, Tania. **Angola e Brasil: estudos comparados**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. (Entrevista). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001.
- MATA, Inocência. **Literatura-mundo em português: encruzilhadas epistemológicas em África**. Ediciones da Universidad de Sala, 2013. Disponível em: [http://revistas.usal.es/index.php/1616\\_Anuario\\_Literatura\\_Comp/article/download/12443/12779](http://revistas.usal.es/index.php/1616_Anuario_Literatura_Comp/article/download/12443/12779). Acesso em: 26 out. 2019.
- MARTINEZ, Paulo. **África e Brasil: uma ponte sobre o Atlântico**. São Paulo: Moderna, 1992.
- MELO, João. **Filhos da Pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NOGUEIRA, Luciano. **Narrativas “quase” pós-modernas de João Melo**. 2015. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações). Departamento de Letras, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2015.

OTRÍSAL, Vladimír. **Pátria que vos/nos pariu! Uma visão contemporânea em Filhos da Pátria, de João Melo**. Dissertação (Margisterká, diplomava pracé) – Faculdade de Filosofia, Universidade de Masaryk - República Tcheca, 2011.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 1995. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2007.

SILVA, Istefani Edvirgens da Silva. A construção de uma nova identidade literária nas obras de Conceição Evaristo. **Diálogo e interação**, vol. 1. FCREI, 2009.

THIONG’O, Ngũgĩ wa. **Descolonizar la mente: la política lingüística de la literatura africana**. Tradução de Marta Sofía López Rodríguez. Espanha: Editora Debolsillo. 2015.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.

## INTERSECTIONS BETWEEN ANGOLAN AND AFRO-BRAZILIAN LITERATURES

**Abstract:** we aim to affirm the importance of Angolan and Afro-Brazilian literature in deconstructing racist stereotypes, as well as promoting reflections on the processes of cultural resistance and identity construction present in these literatures. Therefore, analysis of short stories: “Ana Davenga”, by the Brazilian writer Conceição Evaristo, published in the book *Olhos D’água* (2016), and “Natasha”, by the Angolan writer João Melo, published in the book *Filhos da Pátria* (2008). The research has a bibliographic character, with a comparative approach, the analysis is based on the concept of world literature, taking into account its critical potential over hegemonic literature. As a main result, it was possible to notice a rupture in stereotypes in relation to *black* characters, because, in the stories analyzed, they play a leading role, becoming subjects of their own stories.

**Keywords:** Identity; Postcolonialism; World literature.